

**UNIALFA – CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

Felix Leandro Ferreira de Andrade

**INDÚSTRIA BANCÁRIA NO BRASIL: UMA ANÁLISE COMPETITIVA
DA RENTABILIDADE E EFICIÊNCIA OPERACIONAL**

**GOIÂNIA
2020**

FELIX LEANDRO FERREIRA DE ANDRADE

**INDÚSTRIA BANCÁRIA NO BRASIL: UMA ANÁLISE COMPETITIVA DA
RENTABILIDADE E EFICIÊNCIA OPERACIONAL**

Artigo para defesa a ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Wilson de Jesus Beserra de Almeida

**Goiânia
MPA – UNIALFA
Agosto/2020**

Catálogo na fonte: Biblioteca UNIALFA

A553i

Andrade, Felix Leandro Ferreira de

Indústria bancária no Brasil: uma análise competitiva da rentabilidade e eficiência operacional / Felix Leandro Ferreira de Andrade. – 2020.

39 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Wilson de Jesus Beserra de Almeida.

Dissertação (mestrado) – Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) - Mestrado em Administração – Goiânia, 2020.

1. Rentabilidade. 2. Eficiência Operacional. 3. Bancos públicos e privados. I. Andrade, Felix Leandro Ferreira de. II. UNIALFA – Centro Universitário Alves Faria. III. Título.

CDU: 336.711

**UNIALFA - CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO**

FELIX LEANDRO FERREIRA DE ANDRADE

Folha de aprovação na defesa apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Administração, do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 03 de Agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wilson J B Almeida
Orientador/Presidente da Banca

Prof. Dr. Leonardo Fabris Lugoboni

Prof. Dr. Ironildes Bueno da Silva

**Goiânia
MPA – UNIALFA
Agosto/2020**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o grande administrador do universo, que com a sua infinita bondade me proporcionou a oportunidade de buscar conhecimento e concluir esse grande passo na vida acadêmica e profissional.

Aos professores que tive durante toda minha vida, em particular a todos os professores do mestrado, pelo alto nível de conhecimento e pelos grandes debates e orientações durante o curso. Agradeço ao professor Wilson Almeida pelas orientações e disposição para conclusão desse trabalho.

Agradeço também aos nobres colegas com quem convivi durante esse período, e que me possibilitaram um grande aprendizado, através de trocas de experiências fabulosas e enriquecedoras.

Ao Banco do Brasil, essa grande empresa da qual faço parte há quase dez anos, e que me proporcionou grande crescimento profissional e pessoal. Empresa que é parte fundamental na concretização desse objetivo acadêmico, sempre valorizando as pessoas.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha família, que mesmo nas dificuldades sempre me proporcionou a possibilidade de evoluir nos estudos e alcançar esse objetivo. Em especial agradeço a minha adorável esposa Marília, que sempre esteve ao meu lado e me deu todo apoio para realização dessa etapa acadêmica, sendo meu alicerce e conselheira de todas as horas.

INDÚSTRIA BANCÁRIA NO BRASIL: UMA ANÁLISE COMPETITIVA DA RENTABILIDADE E EFICIÊNCIA OPERACIONAL

RESUMO

Este estudo realiza uma análise da rentabilidade dos principais bancos brasileiros, evidenciando a competitividade dos bancos públicos frente aos bancos privados, tendo como objetivo demonstrar a diferença de rentabilidade e suas causas. Foi utilizada pesquisa quantitativa, com utilização de dados secundários obtidos dos demonstrativos contábeis das empresas analisadas, por meio de indicadores. A análise envolve cinco instituições financeiras, no período de 2010 a 2019, sendo duas públicas e três privadas, tendo em vista o corte realizado pela pesquisa, que estabelece lucro líquido superior a R\$ 10 bilhões de reais para o ano 2019. Fica evidenciado que os bancos privados atualmente apresentam melhores rentabilidades e melhor eficiência operacional que os bancos públicos, apesar do melhor desempenho dos bancos públicos no início do período e forte reação nos últimos anos da análise. O estudo apresenta contribuições técnicas e gerenciais para interessados no setor bancário, seja usuários internos quanto externos.

Palavras-Chave: Rentabilidade. Eficiência Operacional. Bancos públicos e privados.

ABSTRACT

This study performs an analysis of the profitability of the main Brazilian banks, highlighting the benefits of public banks over private banks, with the objective of demonstrating the difference in profitability and its causes. A quantitative survey was used, with the use of secondary data, used to demonstrate financial statements of analyzed companies, through indicators. An analysis involves five financial institutions, in the period from 2010 to 2019, two public and three private, in view of or cut made by the research, which generates a net profit of more than R\$ 10 billion reais for the year 2019. Banks private banks currently have better profitability and better operating operations for public banks, despite the better performance of public banks at the beginning of the period and strong reaction in the last years of the analysis. The study presents technical and managerial contributions for those interested in the banking sector, both internal and external users.

Keywords: Profitability. Operational efficiency. Public and private banks.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	14
4. COMPARATIVO DAS EMPRESAS ANALISADAS	16
5. ESTUDO COMPARATIVO DA RENTABILIDADE.....	18
5.1 Comparativo do ROE.....	18
5.2 Comparativo ROA.....	20
5.3 Geração de Rendas.....	23
5.4 Estudo das Margens	25
5.5 Rentabilidade da Atividade Bancária.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A Indústria bancária está entre os setores mais rentáveis da economia brasileira, sobrevivendo a crises econômicas nacionais e mundiais, sem maiores sobressaltos e, inclusive apresentando crescimentos constantes.

Ao longo das últimas décadas, nota-se que o segmento passou por grandes transformações, de cunho mercadológico, tecnológico e financeiro, sendo os últimos anos marcados pela fusão de grandes empresas do setor e também pela aquisição de pequenos e médias instituições financeiras por grandes bancos, como apontam os estudos de Matias (1999) e Dantas *et al* (2011).

Tal movimento ocasionou relativa concentração no setor. Segundo pesquisa do Dieese (2017), os cinco maiores bancos (Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Caixa) detêm 87% das operações de crédito do país, ainda que existam mais de cento e cinquenta bancos autorizados a operar, e mais de novecentas cooperativas de crédito, conforme dados do Banco Central.

Dentre os cinco maiores bancos brasileiros, três são privados, um de economia mista e um público. O Banco do Brasil, apesar de ser empresa de economia mista, ou seja, com participação pública e privada, neste trabalho será considerado como banco público, tendo em vista que é controlado pelo governo federal.

O estudo da rentabilidade é campo importantíssimo da análise financeira, pois este traz retorno ao acionista, sendo objetivo de qualquer empresa que pretenda sobreviver no mercado (Gitman, 2010; Hoji, 2010; Bitencourt *et al*, 2017). Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo é evidenciar a diferença de rentabilidade existente entre bancos públicos e privados, bem como demonstrar os fatores que interferem na rentabilidade dessas instituições.

O estudo apresenta relevância prática, pelo fato de que os bancos são muito importantes para economia nacional e internacional, na medida em que são o elo dinâmico entre os dois atores principais dos recursos financeiros: seus poupadores e seus tomadores. Tais instituições possibilitam a circulação de moeda, viabilizam meios de pagamentos e recebimentos, tendo papel importante na vida de pessoas, empresas e no sistema financeiro, doméstico ou global. No campo empresarial, em particular, os bancos viabilizam a concretização de investimentos em infraestrutura,

aquisição de bens de capital, capital de giro e muitas outras soluções empresariais fundamentais para o funcionamento normal dessas organizações.

Diante desses fatores, um estudo da rentabilidade dos bancos se justifica, devido sua importância para economia nacional. No que tange a relevância prática, o estudo do comparativo de rentabilidade dos bancos públicos e privados diz respeito ao fato de contribuir para aprimoramento da dinâmica interna das racionalidades coletiva e particular que move os principais *stakeholders* dessas instituições. O caso do Banco do Brasil é, nesse particular, emblemático, haja vista que este possui muitos acionistas privados – que, a despeito do controle governamental da instituição e de sua racionalidade pautada pelo interesse coletivo, – representam a racionalidade pautada pelo interesse particular que, também legitimamente, busca maximizar riquezas e almejam maiores rentabilidades.

Para o Banco do Brasil, rentabilidades inferiores podem ocasionar uma redução da procura de suas ações, gerando desvalorização e conseqüente redução do valor da marca. Desvalorização esta que não seria condizente com uma instituição com mais de 200 anos e que possui capilaridade para competir de forma igualitária com as demais instituições atuantes no mercado bancário brasileiro.

Outro fator importante para o estudo, são as grandes mudanças que vêm ocorrendo no setor nos últimos anos. Trata-se da entrada de novos concorrentes, com viés totalmente digital, ocasionando a necessidade de mudanças importantes nos grandes bancos, principalmente os bancos públicos. Este último fator acrescenta uma importância extra ao estudo, a saber, a sua atualidade.

Os bancos públicos analisados apresentam atuações distintas dentro do cenário de políticas públicas. De um lado, por exemplo, o Banco do Brasil atuante principalmente no desenvolvimento do agronegócio brasileiro e com forte atuação de mercado em todos os segmentos. De outro lado, a Caixa Econômica possui forte atuação em programas sociais, além dos serviços bancários tradicionais.

Em políticas liberais duas concepções são bastante claras, alta competitividade e redução do tamanho do Estado. Nesse sentido, as atuações das empresas públicas, bem como sua importância e eficiência, são sempre colocadas em discussão. Muitos debates surgiram recentemente acerca de privatizações de bancos públicos e o estudo também contribui para um melhor conceito sobre o tema.

O problema de pesquisa que o estudo pretende responder é se os Bancos públicos possuem condição de competitividade igual aos bancos privados,

demonstrado pela análise da rentabilidade, durante o período de dez anos. Para tanto serão demonstradas as principais diferenças nos indicadores das empresas analisadas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Toda empresa seja pública ou privada, quando constituída busca atingir resultados para que possa conseguir se manter no mercado cada vez mais competitivo. Nota-se que os cinco grandes bancos brasileiros têm se movimentado para elevar o patamar de rentabilidade, inclusive as instituições públicas.

De encontro aos objetivos crescentes de rentabilidade, buscado pelas instituições financeiras, Gitman (2010) aborda que o objetivo da empresa, mas não só da empresa, de seus administradores e funcionários é a maximização da riqueza dos proprietários e que tal riqueza se mede pelo preço da ação e que também é importante verificar o lucro por ação.

Nesse sentido na divulgação dos balanços, os bancos têm dado ênfase ao lucro obtido, tendo em vista as cifras bilionárias, bem como no indicador de rentabilidade do capital próprio (ROE). Segundo Hoji (2010, p 290) “Os índices de rentabilidade medem quanto estão rendendo os capitais investidos. São indicadores muito importantes, pois evidenciam o sucesso (ou insucesso) empresarial.”

Gitman (2010), ainda ressalta a importância da comparação de diferentes empresas em um mesmo ponto, análise que é realizada nesse estudo pois compara cinco instituições diferentes, mas do mesmo ramo de atuação. Em contrapartida, o autor também ressalta a importância da avaliação ao longo do tempo, que também é foco desse estudo, pois foram analisados a evolução das empresas ao longo de dez anos. O referido autor também traz posições muito assertivas acerca do estudo da rentabilidade e afirma que proprietários, credores e administradores dão muita atenção a expansão dos lucros devido sua grande importância para o mercado.

Nesse sentido, demonstrando a importância da rentabilidade no setor bancário Bittencourt et al (2017, p. 2), comparando a rentabilidade dos bancos com as cooperativas de crédito traz uma colocação bem assertiva acerca da rentabilidade dos bancos: “No caso dos bancos, é usual assumir que os acionistas buscam a maximização de lucros”.

Como bem define Gitman (2010), são várias as medidas de rentabilidade, e o ponto de partida desse trabalho se concentrará no estudo do retorno do capital próprio ou retorno do patrimônio líquido (ROE), que conforme definições do próprio autor é

calculado dividindo o lucro líquido pelo patrimônio líquido. O retorno do capital próprio foi escolhido como base de estudo para demonstrar ou refutar a primeira hipótese do trabalho. Se existe realmente diferença significativa de rentabilidade entre bancos públicos e privados, sendo escolhido por ser o indicador usualmente utilizado pelos próprios bancos para divulgação ao mercado. O indicador ROE será complementado pelo indicador retorno dos ativos totais (ROA).

Complementando a importância do estudo da rentabilidade, Matias apud Padoveze e Benedicto (2014), traz importante afirmação acerca do estudo da rentabilidade: “a análise da rentabilidade é a parte mais importante da análise financeira, pois visa mensurar o retorno do capital investido e os fatores que conduziram a essa rentabilidade”.

Verificada a importância do estudo da rentabilidade de empresas no campo da administração, sustentadas pelos autores acima, demonstra-se a seguir os resultados dos estudos de rentabilidade realizados no setor bancário nos últimos anos. Cabe ressaltar que são empregadas várias metodologias para análise e discussão do tema.

Matias vem estudando o sistema bancário há alguns anos, e apresenta três importantes estudos sobre o sistema bancário, o primeiro, sua tese de doutorado de 1999, e dois outros de 2014. Em dois desses estudos o autor apresenta índices a serem utilizados no estudo da rentabilidade de bancos, utilizada também nesse estudo.

Em seu primeiro estudo, Matias (1999), ao analisar o Insucesso de Grandes Bancos Privados Brasileiros de Varejo, o referido autor já demonstrava uma tendência de concentração no sistema bancário que se materializa nos dias atuais. Na ocasião o autor conforme corte do estudo demonstrava dezessete grandes bancos existentes em 1994 e dez existentes em 1998. Tal tendência é verificada ao constatar que atualmente apenas cinco instituições detêm cerca de 87% de todo mercado de crédito.

Estudos de Dantas *et al.* (2011), também evidenciam a tendência de concentração do mercado brasileiro. Essa evidência de concentração no mercado bancário brasileiro reforça o corte realizado na pesquisa, com a escolha de apenas cinco instituições devido sua alta representatividade no cenário nacional.

Dando sequência em seus estudos sobre o mercado bancário brasileiro e especificamente a rentabilidade, Matias *et al.* (2014), ao comparar a rentabilidade entre bancos brasileiros e americanos, traz como achado, que a rentabilidade dos

bancos brasileiros é superior à dos bancos americanos, apesar das margens operacionais líquidas e brutas serem superiores nos bancos americanos.

Com enfoque distinto, mas com mesmo objetivo Zilber e Pajares (2009), também realizou estudo comparativo entre bancos americanos e brasileiros, com conclusões semelhantes aos estudos realizados por Matias (2014), ou seja, os bancos brasileiros são mais rentáveis que os americanos. No estudo como medida comparativa também utiliza indicadores financeiros de rentabilidade ROE, ROA e índice de eficiência operacional. Segundo o autor os índices ROE e ROA são amplamente aceitos para analisar rentabilidade de bancos, sendo encontrada em diversos estudos acadêmicos. O estudo também aponta as elevadas taxas de juros como fatores da alta rentabilidade dos bancos brasileiros, mas também aponta a falta de competitividade do setor (alta concentração).

Bittencourt et al (2017), por sua vez, revelam que as inovações tecnológicas permitiram que grande parte do retorno das instituições financeiras não fossem ligadas ao crédito, apesar dos bancos apresentarem bom desempenho em seu negócio principal, o crédito. O estudo não realizou comparativo entre bancos públicos e privados somente entre bancos e cooperativas. No estudo o autor aponta que tanto bancos quanto cooperativas utilizam o ROE e ROA para avaliar a rentabilidade, apesar de suas funções distintas.

Em outro estudo comparativo do setor bancário, Matias (2014) justapõe a eficiência de bancos com cooperativas de créditos, que atuam no segmento bancário, mas que diferente dos bancos tradicionais não visam lucros. O referido estudo conclui que os bancos privados são mais eficientes, seguidos pelos bancos públicos e posteriormente as cooperativas de crédito. O referido estudo aponta caminho para segunda hipótese do trabalho, que os bancos privados são mais eficientes do que os bancos públicos.

Já Carneiro *et al.* (2016), aborda que a eficiência do setor bancário pode ser avaliada por três abordagens: intermediação, produção e rentabilidade. O autor conclui que “ Os Bancos eficientes são aqueles que conseguem minimizar seus custos e maximizar suas receitas”. O referido autor aponta a importância de avaliar o desempenho das organizações por meio da eficiência.

A rentabilidade dos bancos pode ser afetada por inúmeras variáveis, é o que aponta o estudo realizado por Primo *et al.* (2013). Dentre as várias hipóteses levantadas, uma tem relevância para esse estudo, pois está ligada a eficiência

operacional. A conclusão do estudo aponta que instituições que apresentam melhor rentabilidade são as que possuem melhor relação entre receita de serviços e despesas operacionais.

Nesse sentido é importante verificar se existe diferença nessa relação entre instituições públicas e privadas. Já Mendonça (2018), no mesmo caminho apontado por Primo *et al.* (2013), também demonstra que a rentabilidade bancária pode ser afetada por fatores internos ligados à sua gestão e fatores ligados ao ambiente externo, principalmente ligados ao ambiente macroeconômico. No tocante ao ambiente interno, as questões tecnológicas ganham destaque devido ao grande poder de satisfação dos clientes e também seu grande potencial de redução de custos. O estudo conclui que a maior rentabilidade está direcionada a um maior nível de captação, a uma maior fonte alternativa de receitas, e a um maior controle de custos.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo tem caráter descritivo e consiste em analisar a rentabilidade de bancos brasileiros, comparando bancos públicos e privados, por meio de indicadores financeiros reconhecidos e testados.

Para tanto foram selecionadas instituições financeiras que apresentaram lucratividade superior a 10 bilhões de reais em 2019, que coincidentemente são os bancos que concentram os maiores volumes de operações de crédito. São eles (Banco do Brasil, Caixa Econômica, Itaú Unibanco, Bradesco e Santander). O valor de 10 bilhões foi escolhido, tendo em vista padronizar a análise em empresas que superaram dois dígitos de lucratividade em 2019. O resultado do corte vai totalmente de encontro com o ranking de bancos do Bacen, posição de 2019, onde os bancos analisados figuram nas cinco primeiras posições em valores de ativos, geração de receitas e carteira de crédito.

O lapso temporal do estudo será de dez anos, compreendendo o período de 2010-2019, buscando evidenciar a tendência para a rentabilidade dessas empresas. A análise dos dez últimos anos, compreende uma avaliação de todo o período pós crise econômica mundial ocorrida em 2008/2009.

Para cálculo dos indicadores foram coletados dados secundários extraídos das demonstrações contábeis oficiais publicadas pelas empresas, constantes em seus sites institucionais, na aba relação com investidores.

O estudo parte de duas hipóteses. A primeira hipótese é que os bancos privados são mais rentáveis que os bancos públicos. Para confirmar ou refutar a primeira hipótese, será utilizado o indicador ROE, pois é o comumente divulgado pelas instituições financeiras, sendo sustentado também por diversos estudos acadêmicos. De forma a complementar o indicador ROE será demonstrado também o indicador ROA.

A segunda hipótese é que os bancos privados possuem maior eficiência operacional que os bancos públicos. Para checagem da segunda hipótese, serão utilizados os indicadores para o seguimento bancário definidos por Matias (2014), demonstrados a seguir.

Tabela 1 - Indicadores Financeiros de rentabilidade para bancos

Indicador	Fórmula
Geração de Rendas	$(RIF / \text{Aplicação Total}) * 100$
Margem Bruta	$(RBIF / (RIF + \text{Receita de Serviços})) * 100$
Margem Operacional	$(\text{Resultado Operacional} / (RIF + \text{Receita de Serviços})) * 100$
Margem Líquida	$(\text{Resultado Líquido} / (RIF + \text{Receita de Serviços})) * 100$
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	$(\text{Resultado Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}) * 100$
Retorno sobre Ativo	$(\text{Resultado Líquido} / \text{Ativo Total}) * 100$
Rentabilidade da Atividade Bancária	$((\text{Resultado Operacional} - \text{RPCC} - \text{Outras Receitas}) / \text{Patrimônio Líquido}) * 100$

Fonte: Matias *et al* (2014)

Onde: RBIF = Resultado Bruto da Intermediação Financeira; RIF = Receita da Intermediação Financeira; RPCC = Resultado da Participação em Controladas e Coligadas.

Complementando os indicadores apontados por Matias *et al.* (2014), foi utilizado também o indicador de eficiência operacional indicado por Primo *et al.* (2013), que pode ser traduzido na seguinte fórmula: EO = Receita de Serviços/Despesas Operacionais. Quanto maior o indicador melhor, pois demonstra o potencial da instituição em gerar receitas de serviços (tarifas de contas, tarifas de contrações de operações, corretagens, cartões), frente a suas despesas operacionais.

4. COMPARATIVO DAS EMPRESAS ANALISADAS

Como forma de elucidar a importância dessas cinco instituições financeiras no cenário nacional, foi elaborado um quadro sintético com algumas informações, que demonstram a robustez dessas instituições. As empresas foram dispostas no quadro pela ordem alfabética, de modo a não haver nenhuma interpretação acerca da ordem de colocação das empresas no quadro, sendo que as demais tabelas existentes no estudo seguem o mesmo padrão.

Quadro 1 - Comparativo das instituições financeiras estudadas.

	Brasil	Bradesco	Caixa	Itaú	Santander
Nome	Banco do Brasil S.A.	Banco Bradesco S.A.	Caixa Econômica Federal	Itaú Unibanco Holding S.A.	Banco Santander Brasil S.A.
Tipo empresa	Empresa de Capital Aberto	Empresa de Capital Aberto	Empresa Pública	Empresa de Capital Aberto	Empresa de Capital Aberto
Início da atuação no Brasil	1808	1943	1861	1945	1982
Ações em Bolsa	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Segmento na Bolsa	Novo Mercado	Nível 1	Não atua em bolsa	Nível 1	Sem segmento
Grupo Controlador	Governo Federal	Cia Cidade de Deus	Governo Federal	Igrupar Itaú Participações	Grupo Santander
Ativos Totais	1,47 trilhões	1,35 trilhões	1,29 trilhões	1,7 trilhões	805 milhões
Patrimônio Líquido	108,5 milhões	133,7 milhões	80,6 milhões	144,1 milhões	69,7 milhões
Quantidade de agências	4,3 mil	4,4 mil	4,1 mil	4,5 mil	2,6 mil
Funcionários	93,1 mil	97,3 mil	94,4 mil	94,9 mil	47,8 mil

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas e informações da bolsa de valores B3.

Nota-se que as cinco empresas analisadas possuem juntas cerca de 6,6 trilhões de Reais em ativos, sendo de suma importância para o mercado financeiro

brasileiro, pois possuem grande capacidade de circulação de recursos, contribuindo substancialmente para o desenvolvimento da economia nacional.

Outro fator de destaque é a grande capacidade de geração de empregos ocasionados por essas corporações. Juntas empregam mais de 425 mil pessoas em quase 20 mil agências espalhadas por todo país, contribuindo para o desenvolvimento de cidades, estados, regiões e do país como um todo, conforme dados das demonstrações contábeis dessas instituições, detalhadas no quadro 1.

Todas empresas estudadas possuem mais de 30 anos de fundação ou atuação no Brasil, inclusive a mais antiga delas possui mais de 200 anos de existência, criada ainda no tempo do império, demonstrando que são empresas consolidadas no mercado, e que sobreviveram há vários planos econômicos, crises e desgovernos.

Das cinco empresas selecionadas, quatro têm origem de capital nacional e apenas uma tem controle estrangeiro. Diferentemente do que o senso comum imagina, dentre as empresas selecionadas para o estudo, a que apresenta melhor padrão de governança corporativa na Bolsa de Valores é uma empresa pública, o Banco do Brasil, conforme pesquisas realizadas no site da B3. De forma contrária, a única das selecionadas que não possuem ativos negociados em bolsa também é uma empresa pública, a Caixa Econômica.

Nota-se que as empresas analisadas apresentam certa similaridade, quanto ao porte, possuem mais de um trilhão de ativos, mais de 90 mil funcionários, mais de 4 mil agências. A exceção fica com o Banco Santander que apresenta uma estrutura de ativos menor, bem como número de funcionários e agências.

5. ESTUDO COMPARATIVO DA RENTABILIDADE

A seguir serão demonstrados os principais índices de rentabilidade para instituições financeiras, seguindo o padrão estabelecido por Matias *et al.* (2014), sendo que primeiramente serão demonstrados os indicadores ROE e ROA, que irão demonstrar a rentabilidade do patrimônio líquido e a rentabilidade dos ativos.

Os índices encontrados indicarão se realmente existe diferença de rentabilidade entre as instituições analisadas, sendo que os demais indicadores demonstrarão o caminho dessa diferença de rentabilidade.

5.1 Comparativo do ROE

As instituições financeiras como já dito anteriormente, usualmente dão muita ênfase ao indicador ROE, quando de suas apresentações contábeis, tendo em vista sua grande aceitação por parte de investidores. Durante a compilação de dados notou-se uma diferença na apresentação desse indicador por parte das instituições financeiras, em suas apresentações para o mercado. Nesse sentido, com vistas a uniformizar os índices, dando maior sustentação a pesquisa, o indicador em questão e também todos os demais índices, foram calculados com base nos demonstrativos contábeis consolidados e na forma apresentada no campo metodologia desse trabalho.

Sendo que os valores nominais para o ROE estão demonstrados na tabela 2 e sua evolução gráfica demonstrada no gráfico 1.

Tabela 2 - Comparativo de Rentabilidade no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

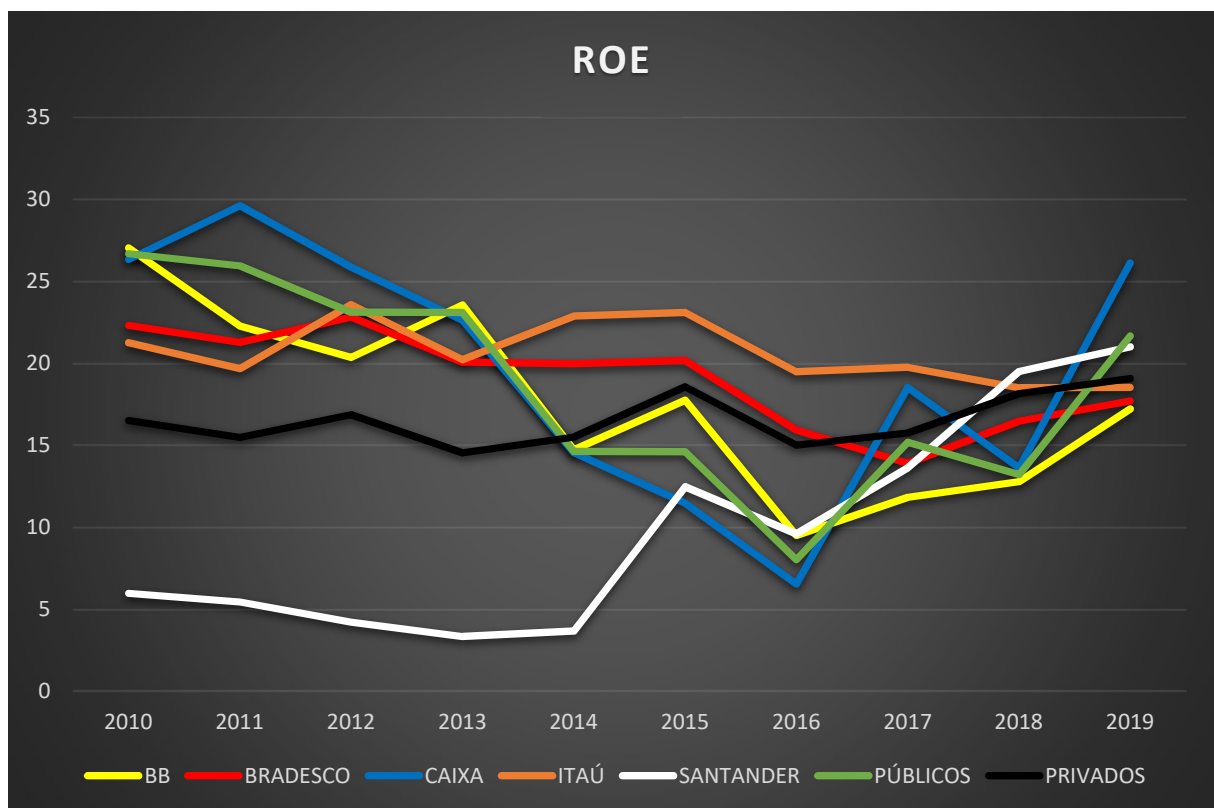
ROE	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	27,04	22,28	20,36	23,57	14,72	17,76	9,52	11,84	12,80	17,23
BRADESCO	22,32	21,29	22,82	20,07	19,97	20,17	15,93	13,90	16,48	17,72
CAIXA	26,34	29,62	25,87	22,63	14,55	11,47	6,55	18,54	13,63	26,13
ITAÚ	21,26	19,69	23,58	20,22	22,89	23,09	19,49	19,76	18,52	18,53
SANTANDER	5,97	5,45	4,22	3,34	3,67	12,48	9,61	13,64	19,51	21,01

MÉDIA PÚBLICOS	26,69	25,95	23,11	23,10	14,63	14,61	8,03	15,19	13,21	21,68
MÉDIA PRIVADOS	16,52	15,48	16,87	14,54	15,51	18,58	15,01	15,77	18,17	19,09

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nota-se grande disparidade na rentabilidade ao longo dos anos pesquisados, sendo observada uma inversão na curva de rentabilidade, quando comparado bancos públicos e bancos privados. No início do período de análise, os bancos públicos apresentavam média de rentabilidades superiores aos bancos privados. No ano de 2014, os bancos privados passaram a apresentar maior rentabilidade que os bancos públicos. Essa inversão pode ser melhor observada no gráfico 1.

Gráfico 1. Evolução do ROE no período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

A análise gráfica permite vislumbrar algumas situações importantes. No início do período de análise, que compreende o ano de 2010, existia certa disparidade entre

as instituições estudadas, com vantagem para os bancos públicos, tanto quando analisado de forma individual ou na média.

No final de período, nota-se que as rentabilidades começaram a apresentar maior uniformidade, como pode ser observada no ano de 2019. Durante o período é clara a perda de rentabilidade por parte dos bancos públicos, bem como a escalada de rentabilidade dos bancos privados, sendo essa inversão muito bem caracterizada no ano de 2014.

O ano 2016 foi marcado por forte queda de rentabilidade em todas instituições analisadas, sendo a redução mais caracteriza nas instituições públicas. Esse ano foi marcado por forte retração econômica, e pelo impeachment da então presidente da república. Após a queda acentuada de rentabilidade por parte das instituições públicas em 2016, tais empresas vêm apresentando retomada de rentabilidade, com forte aceleração em 2019, principalmente pela Caixa Econômica.

Nota-se também que em todo o período analisado, uma empresa apresentou maior estabilidade acerca da rentabilidade, o Banco Itaú, que apesar de apresentar oscilações de rentabilidade, essa oscilação em nenhum ano de análise apresentou movimentos bruscos de baixa ou de alta.

Pela análise do indicador ROE é possível notar que os bancos privados nos últimos anos têm apresentado melhor rentabilidade que os bancos públicos, bem como maior estabilidade, mas essa diferença de rentabilidade não ocorre em todo período de análise, e que os bancos públicos apresentaram retomada de rentabilidade no final do período de análise.

Se considerarmos que o Banco Santander puxou as médias de rentabilidade dos bancos privados para baixo, durante o período de 2010-2015, torna-se claro que os bancos privados são mais rentáveis que os bancos públicos, reafirmado a primeira hipótese da pesquisa, de que os bancos privados apresentam rentabilidades superiores ao dos bancos públicos.

5.2 Comparativo ROA

Outro indicador de rentabilidade muito aceito no mundo acadêmico é o ROA, retorno dos ativos totais, pois mede a capacidade da empresa de utilizar seus ativos disponíveis na geração de receitas e conseqüentemente a geração de lucro, ou seja, esse indicador pode demonstrar a eficiência de uma empresa, conforme aponta Matias (2014).

Nesse sentido passamos a verificar esse indicador nas empresas estudadas, conforme demonstrado na tabela 3 e no gráfico 2 a seguir:

Tabela 3 - Comparativo ROA no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

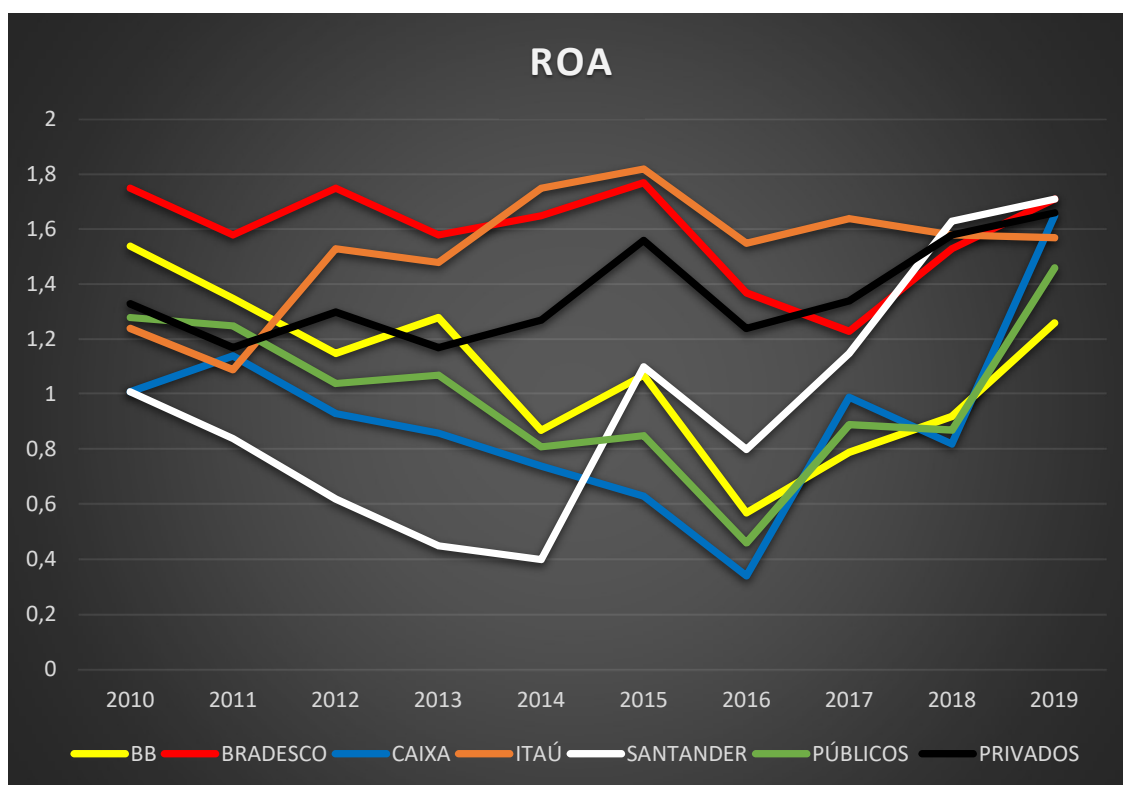
ROA	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	1,54	1,35	1,15	1,28	0,87	1,07	0,57	0,79	0,92	1,26
BRADESCO	1,75	1,58	1,75	1,58	1,65	1,77	1,37	1,23	1,53	1,71
CAIXA	1,01	1,14	0,93	0,86	0,74	0,63	0,34	0,99	0,82	1,65
ITAÚ	1,24	1,09	1,53	1,48	1,75	1,82	1,55	1,64	1,58	1,57
SANTANDER	1,01	0,84	0,62	0,45	0,40	1,10	0,80	1,15	1,63	1,71
MÉDIA PÚBLICOS	1,28	1,25	1,04	1,07	0,81	0,85	0,46	0,89	0,87	1,46
MÉDIA PRIVADOS	1,33	1,17	1,30	1,17	1,27	1,56	1,24	1,34	1,58	1,66

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

O ROA efetivamente confirma a primeira hipótese levantada na pesquisa, pois os bancos privados na média apresentam ROA superior em todos os períodos analisados, com exceção ao ano de 2011, onde os privados apresentaram na média ROA levemente inferior aos públicos.

Diferentemente do apontado pelo ROE, não se observa uma grande vantagem de rentabilidade por parte dos bancos públicos no início do período de análise, sendo que a diferença positiva aos bancos privados observada em todos os períodos, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 2. Evolução do ROA no período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Novamente o gráfico nos aponta certa heterogeneidade para instituições estudadas durante o período de análise, ficando evidente a vantagem dos bancos privados em relação aos bancos públicos.

É possível notar tendência de melhora na rentabilidade pelos bancos privados, quando analisado a média, e em contrapartida uma forte oscilação por parte dos bancos públicos, com forte tendência de baixa de rentabilidade até o ano de 2016 e forte retomada a partir de 2017.

Como mostrou o indicador ROE, também o ROA apresentou forte queda no ano de 2016 em todas instituições analisadas, ficando melhor caracterizada nos bancos públicos. Cabe ressaltar que no ano de 2016 o país passava por forte instabilidade econômica, problemas políticos e escândalos de corrupção. Tais problemas ocasionaram, como citado anteriormente o afastamento da presidente da república. Sendo salutar informar que uma das irregularidades imputadas a presidente, foi a utilização de créditos irregulares por bancos públicos, utilizando de crédito suplementar por parte dos bancos para o pagamento de programas sociais, o que pode ter ocasionado alteração significativa nos índices analisados.

Ainda com relação ao ROA, cabe destaque ao Banco Santander, que a partir de 2014 apresenta crescente de rentabilidade muito superior a todos os bancos analisados. Dentre as instituições analisadas o Santander é a que possui a estrutura operacional mais enxuta, possuindo menor quantidade de agências e de funcionários, como pode ser observado no quadro 1.

Isso posto, e confirmada a primeira hipótese de pesquisa, o estudo avança para análise de outros indicadores de rentabilidade, conforme demonstrado no campo metodologia de pesquisa.

5.3 Geração de Rendas

Matias (2014), define que esse indicador demonstra o desempenho financeiro dos ativos dos bancos, sendo o quociente entre a receita de intermediação financeira e a aplicação total. Esse indicador demonstra a eficiência do banco em utilizar os ativos disponíveis para geração de rendas de intermediação.

Nesse sentido cabe ressaltar que todas as instituições analisadas atuam em todos os mercados de crédito (PF, PJ, AGRO e Governo), sendo que algumas tem atuação maior em algum segmento do que em outros. Isso posto vamos aos números apresentados que se encontram na tabela 4.

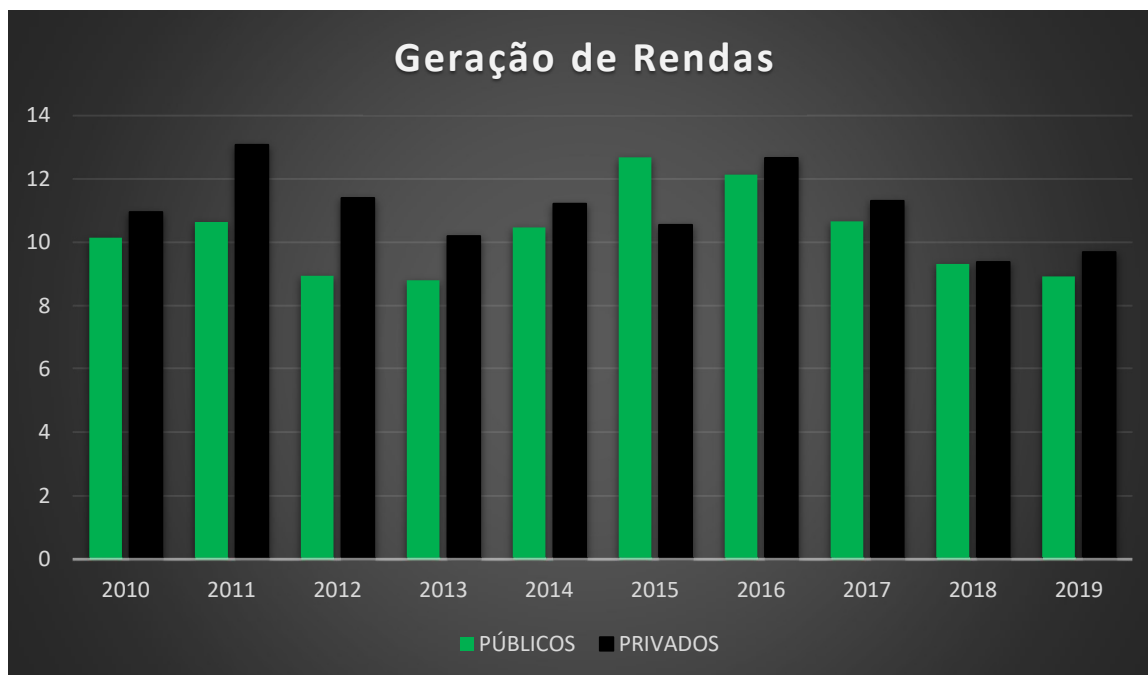
Tabela 4 - Geração de Rendas no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

GERAÇÃO DE RENDAS	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	10,33	10,79	9,52	9,01	10,79	13,25	12,23	10,65	9,72	8,96
BRADESCO	11,30	12,21	11,20	9,89	11,80	13,32	14,12	12,56	9,99	10,01
CAIXA	9,97	10,50	8,37	8,60	10,15	12,13	12,04	10,68	8,92	8,90
ITAÚ	11,04	12,65	9,98	8,62	10,52	12,20	11,44	10,00	8,77	8,66
SANTANDER	10,53	14,39	13,02	12,10	11,34	12,17	12,44	11,38	9,98	9,80
MÉDIA PÚBLICOS	10,15	10,65	8,95	8,81	10,47	12,69	12,14	10,67	9,32	8,93
MÉDIA PRIVADOS	10,96	13,08	11,40	10,20	11,22	12,56	12,67	11,31	9,58	9,49

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nesse indicador novamente leve vantagem observada para os bancos privados. O melhor desempenho observado nos bancos privados pode ser explicada possivelmente por que as instituições financeiras públicas praticam taxas levemente menores do que os bancos privados, conforme pode ser verificado no site do banco central, no endereço bcb.gov.br/estatisticas/txjuros.

Gráfico 3. Geração de Rendas por período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Apesar da leve vantagem aos bancos privados ao longo do período, nota-se que a diferença de margem nesse item é relativamente pequena se comparada aos indicadores estudados até o momento. O que se percebe é uma ligeira redução nesse indicador a partir de 2017, redução que pode ser explicada pela redução gradual da taxa básica de juros da economia brasileira, que força uma redução das taxas praticadas pelos bancos, apesar da distância abissal encontrada no Brasil, entre taxa Selic e juros praticados pelos bancos. Outro fator que pode explicar a redução da geração de rendas é a elevação da concorrência no setor, principalmente advindo pelo aparecimento das *fintechs*, forçando redução gradual dos *spreads* bancários, apesar de os bancos apresentarem ainda situação confortável em relação aos novos entrantes.

5.4 Estudo das Margens e da eficiência operacional

Os próximos indicadores estudados se referem as margens de rentabilidade, sendo três indicadores (margem bruta, operacional e líquida). O primeiro indicador a ser demonstrado será o da margem bruta que de acordo com Matias (2014), trata-se dos ganhos gerados na intermediação, deduzidos os custos da operação. Os dados apurados estão demonstrados na tabela 5 e elucidados no gráfico 4 a seguir.

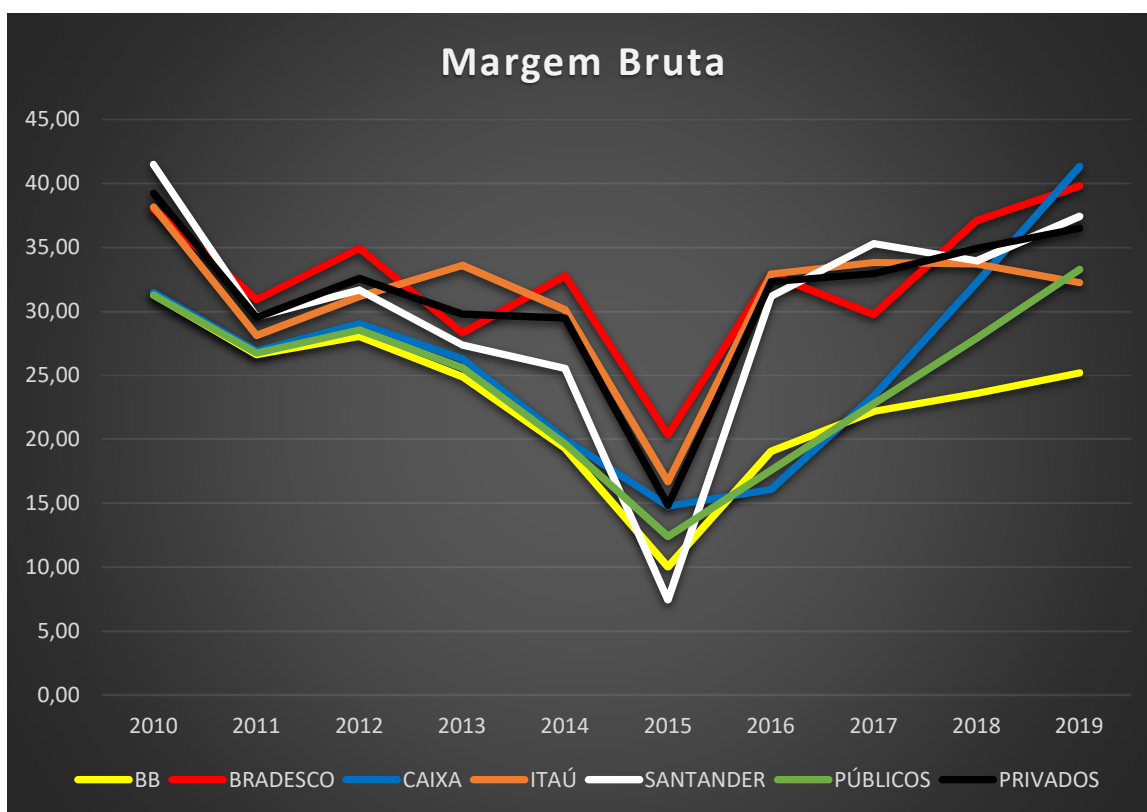
Tabela 5 - Margem Bruta no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

MARGEM BRUTA	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	31,29	26,63	28,05	24,89	19,31	10,04	19,08	22,20	23,60	25,21
BRADESCO	38,01	30,92	34,92	28,33	32,79	20,38	32,88	29,76	37,10	39,82
CAIXA	31,49	26,89	29,04	26,29	20,00	14,80	16,10	23,40	32,26	41,33
ITAÚ	38,16	28,13	31,17	33,60	30,14	16,70	32,93	33,82	33,70	32,26
SANTANDER	41,49	29,58	31,67	27,37	25,54	7,47	31,19	35,31	33,96	37,44
MÉDIA PÚBLICOS	31,29	26,76	28,55	25,59	19,66	12,42	17,59	22,80	27,93	33,27
MÉDIA PRIVADOS	39,22	29,54	32,59	29,77	29,49	14,85	32,33	32,96	34,92	36,51

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nesse indicador também é possível verificar uma certa vantagem aos bancos privados, sendo essa vantagem observada em quase todo o período, com exceção para o ano de 2019, onde a caixa apresentou leve vantagem em relação aos demais bancos.

Gráfico 4. Margem Bruta por período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nesse indicador diferente do apontado pelo ROE e ROA, é possível notar uma forte redução de margens no ano de 2015, com retomada imediatamente no ano seguinte, sendo que novamente os bancos públicos apresentaram maiores impactos nesse ano. O ano de 2015 foi marcado por forte instabilidade econômica, com forte recessão, inflação alta, dentre outros.

O cenário econômico de 2015 afetou negativamente a atividade empresarial e nota-se nas demonstrações contábeis das empresas analisadas, uma elevação nos índices de inadimplência, principalmente no segmento PJ, elevando o risco das operações, ocasionando maior previsão de créditos de liquidação duvidosa. Por outro lado, outro componente responsável pela redução das margens financeiras foi o aumento do custo de captação.

É possível verificar certa estabilidade para os bancos privados durante o período de análise. Já os bancos públicos apresentaram uma tendência de baixa, principalmente a partir de 2012, com forte queda em 2015, e retomada mais gradual nos anos seguintes.

No ano de 2012 o governo federal, comandado pela presidente Dilma Rousseff iniciou plano para redução dos *spreads* bancários, plano que posteriormente mostrou-se ineficiente. Tais reduções foram capitaneadas pelos bancos públicos, ocasionando reduções significativas na margem bruta dessas instituições a partir de 2012.

A análise seguinte diz respeito a margem operacional, que segundo Matias (2014), “corresponde ao resultado gerado na operação antes da dedução dos impostos e das despesas não-operacionais”. Sendo que novamente os bancos privados apresentaram melhores resultados que os bancos públicos ao longo do período analisado, apresentando também resultados mais estáveis. Como pode ser observado na tabela 6 e gráfico 5.

Tabela 6 - Margem Operacional no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

Margem Operacional	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	18,81	15,22	13,44	10,55	10,09	3,12	7,40	10,45	12,03	7,88
BRADESCO	17,07	13,41	11,98	12,51	15,65	6,08	14,84	11,45	15,59	9,87
CAIXA	5,45	7,02	5,97	5,81	5,30	0,70	2,34	9,21	12,01	15,86
ITAÚ	17,15	11,85	13,22	16,27	16,68	7,42	18,15	17,57	17,19	15,33
SANTANDER	11,89	4,40	3,96	0,60	3,26	-0,41	13,44	14,99	15,22	16,53
MÉDIA PÚBLICOS	12,13	11,12	9,71	8,18	7,70	1,91	4,87	9,83	12,02	11,87
MÉDIA PRIVADOS	15,37	9,89	9,72	9,79	11,86	4,36	15,48	14,67	16,00	13,91

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nesse indicador novamente é possível identificar forte queda para o ano de 2015, e retomada nos anos seguintes, com destaque para o banco Santander que até o ano de 2015 apresentava a pior margem operacional, inclusive indicando margem negativa. Após o ano de 2015 a empresa apresentou forte retomada, alcançando o melhor índice em 2019. Ressaltando que o Banco Santander apresenta a estrutura mais enxuta em relação aos demais bancos.

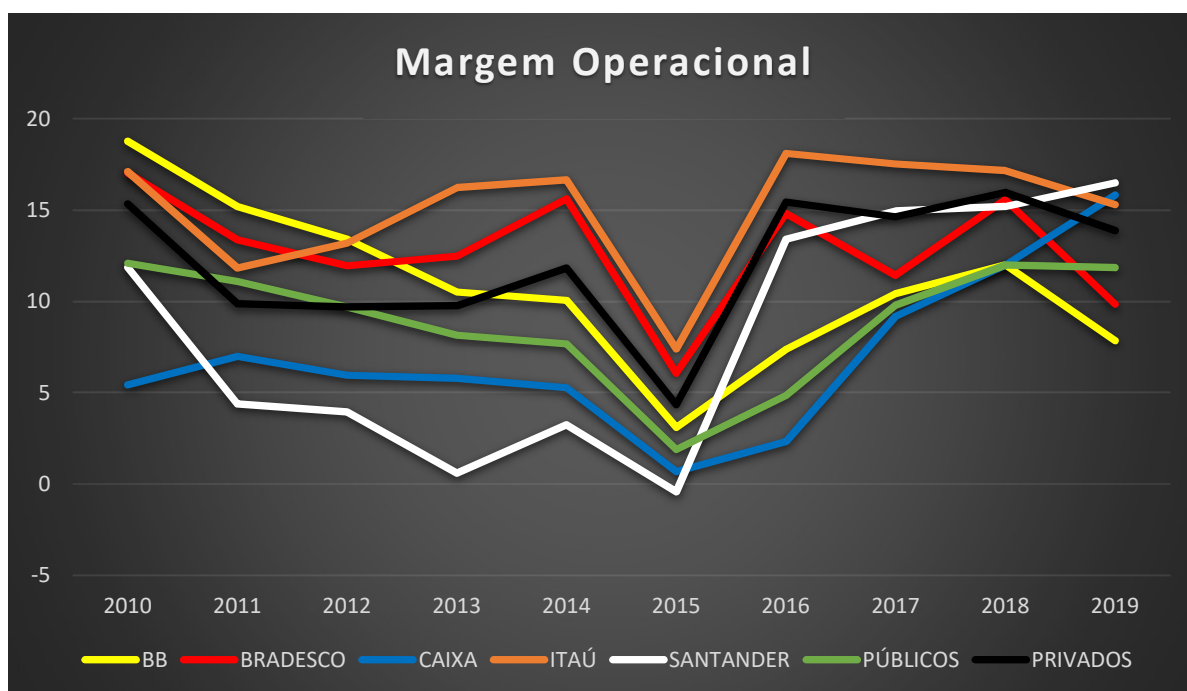
Cabe destacar que a partir da forte queda ocorrida em 2015 os bancos públicos vem apresentando melhoras graduais no indicador, com destaque para o forte crescimento do indicador pela Caixa, que foi acompanhado de crescimento também por parte do Banco do Brasil. A diferença entre as duas instituições nesse indicador é

que a caixa vem mantendo a tendência de alta e o Banco do Brasil oscilou para baixo em 2019.

A margem operacional deixa evidente a situação dos bancos no período analisado, se compararmos o início do período de análise, marcada pelo ano de 2010, e o final do período de análise que é o ano de 2019, três dos cinco bancos estudados apresentaram redução de margem operacional, sendo uma pública e duas privadas.

O mercado bancário tem passado por transformações radicais nos últimos anos, advindos principalmente de avanços na relação com clientes, ocasionados por maior utilização de meios digitais. As mudanças verificadas no segmento, resultaram em mudanças na estrutura dessas empresas, com redução de postos de trabalho e do número e quantidade de agências. Todas as instituições analisadas passaram e ainda estão passando por reestruturações, com intuito de buscar melhor eficiência operacional, reduzindo custos e ganhando em agilidade.

Gráfico 5. Margem Operacional por período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Primo (2013), aponta que as empresas que apresentam melhor rentabilidade são as que apresentam melhor relação entre as receitas de serviços e as despesas operacionais.

Essas duas rubricas contábeis afetam diretamente a margem operacional. Sendo as receitas da prestação de serviços compostas por tarifas de manutenção de conta, tarifas de contratação de operações, cartões de crédito, corretagens, dentre outras. Em contrapartida as despesas operacionais, são compostas por despesas com pessoal, administrativas e tributárias, dentre outras.

Antes de analisar essa relação, é salutar demonstrar o comportamento da geração de receitas de serviços em relação as receitas totais.

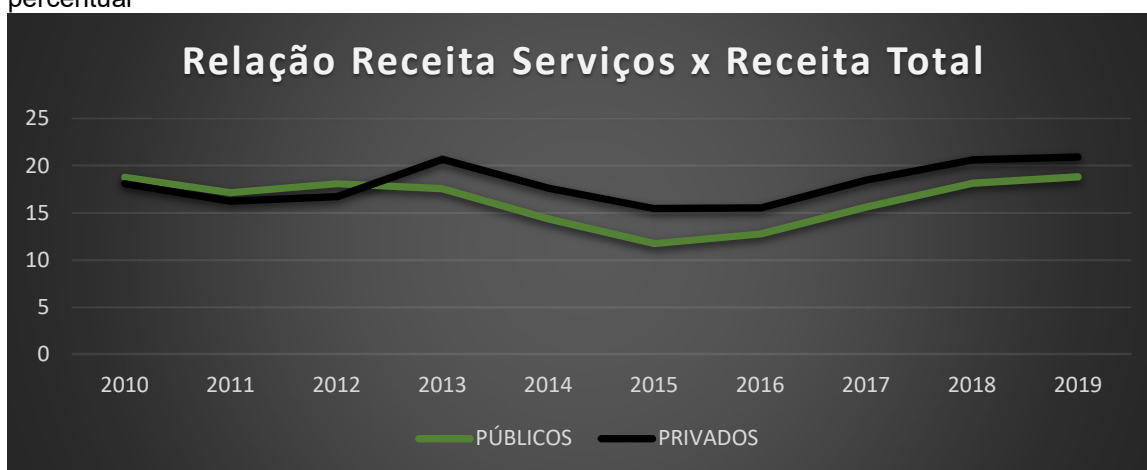
Tabela 7 - Receita de Serviços x Receita Total, no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

RS X RT	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
PÚBLICOS	18,77	17,15	18,08	17,55	14,37	11,76	12,75	15,61	18,14	18,81
PRIVADOS	18,08	16,23	16,70	20,68	17,61	15,46	15,53	18,48	20,60	20,90

Fonte: Ela Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Nota-se um maior poder de geração de receitas de serviços por parte dos bancos privados, sendo que essa vantagem não foi observada no início do período de análise, onde os bancos públicos apresentavam ligeira vantagem. Essa diferença pró bancos privados, afetam diretamente o resultado das empresas analisadas, pois se tratam de grandes fontes de receita para o segmento.

Gráfico 6. Relação Receita de Serviços X Receita Total período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Visto o poder de geração de receitas por parte dos bancos, evidencia-se abaixo o comportamento das despesas operacionais frente essas receitas, conforme demonstra a tabela 8.

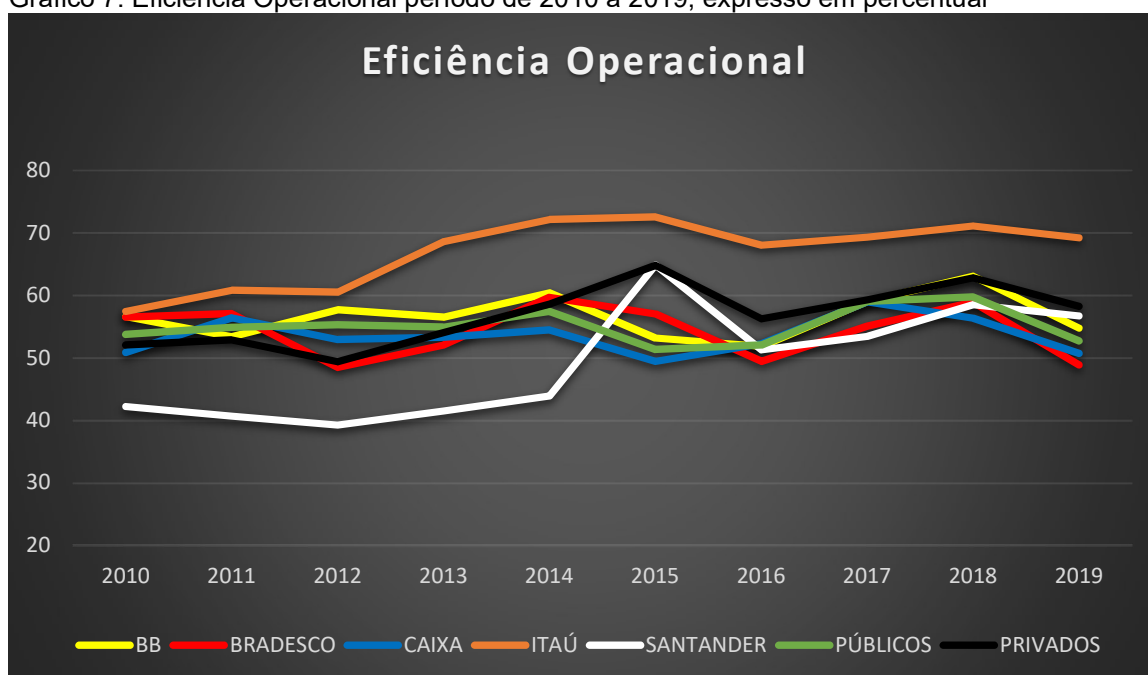
Tabela 8 – Eficiência Operacional, no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

Eficiência Operacional	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	56,62	53,39	57,71	56,52	60,43	53,21	51,87	59,05	63,10	54,78
BRADESCO	56,52	57,09	48,46	52,05	59,73	57,06	49,48	55,09	58,92	48,88
CAIXA	50,89	56,43	52,93	53,31	54,48	49,45	52,27	59,01	56,38	50,73
ITAÚ	57,47	60,86	60,55	68,65	72,19	72,57	68,07	69,35	71,15	69,25
SANTANDER	42,23	40,69	39,24	41,50	43,93	64,91	51,30	53,47	58,51	56,71
MÉDIA PÚBLICOS	53,76	54,91	55,32	54,92	57,46	51,33	52,07	59,03	59,74	52,76
MÉDIA PRIVADOS	52,07	52,88	49,42	54,07	58,62	64,85	56,28	59,30	62,86	58,28

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Os valores apurados caminham de encontro ao verificado por Primo (2013), quando se comparada pela média, seguindo a mesma tendência encontrada na análise do ROE, com inversão da curva no ano de 2014. Apesar da média nos indicar correlação com os resultados encontrados por Primo, esse comportamento não é verificado em todas as instituições analisadas, não sendo válido em todas as situações.

Gráfico 7. Eficiência Operacional período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisada

O gráfico demonstra que os bancos analisados estão muito próximos nessa relação, sendo a única exceção o Itaú que se coloca em posição bem superior aos demais.

Isso posto, o estudo avança para análise da margem líquida, que segundo Matias (2014) reflete a capacidade do banco de gerar retorno ao acionista, podendo representar também sua eficiência operacional. Os dados estão representados na tabela 9 e gráfico 8.

Tabela 9 - Margem líquida no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

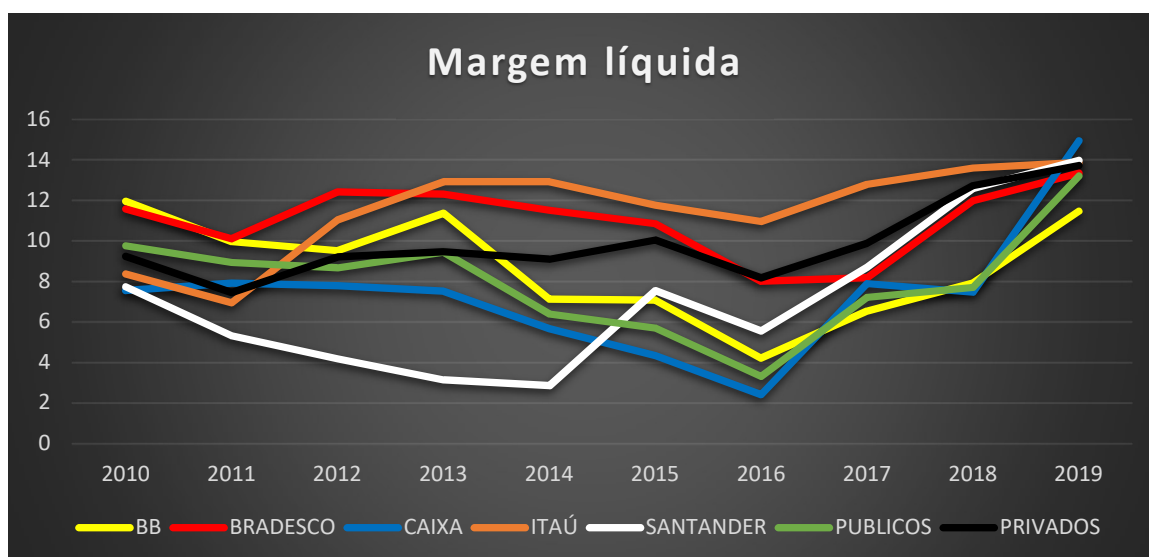
Margem Líquida	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	11,96	9,97	9,52	11,37	7,12	7,07	4,20	6,54	7,93	11,47
BRADESCO	11,58	10,11	12,41	12,30	11,51	10,85	8,00	8,18	11,99	13,35
CAIXA	7,55	7,91	7,79	7,52	5,66	4,33	2,40	7,90	7,47	14,94
ITAÚ	8,37	6,94	11,04	12,93	12,93	11,76	10,96	12,79	13,61	13,87
SANTANDER	7,73	5,31	4,18	3,14	2,84	7,55	5,55	8,70	12,59	13,98
MÉDIA PÚBLICOS	9,76	8,94	8,66	9,45	6,39	5,70	3,30	7,22	7,70	13,21
MÉDIA PRIVADOS	9,23	7,45	9,21	9,46	9,09	10,05	8,17	9,89	12,73	13,73

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

A análise desse indicador demonstra uma maior eficiência operacional por parte dos bancos privados, indo de encontro aos demais indicadores demonstrados até então. No gráfico é possível notar uma queda em todas as instituições para o ano de 2016, bem como retomada de todas no ano seguinte.

Destaque nesse indicador para estabilidade apresentada pelo Itaú a partir de 2013, sempre apresentando as maiores margens líquidas. Destaque também para forte elevação para o Santander a partir de 2016, mantendo uma constância de alta. Destaque também para forte elevação da caixa para o ano de 2019, despontando entre os demais nesse ano especificamente.

Gráfico 8 – Margem Líquida período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Na análise das margens de rentabilidade, os três indicadores demonstram nítidas vantagens para os bancos privados, bem como apresentam tendência de reação das instituições públicas nos últimos anos, principalmente a partir da mudança de governo, ocorrida em 2016.

5.5 Rentabilidade da Atividade Bancária

Por fim, é analisado a rentabilidade da atividade bancária. É um indicador importante pois mede o desempenho da instituição nas suas atividades, sem considerar resultados em coligadas e outras receitas. Sendo que esse indicador apresentou grande variação entre instituições públicas e privadas. Chama atenção os índices apresentados pela Caixa, que durante oito dos dez períodos analisados, apresentou rentabilidade da atividade bancária negativa, diferenciando bastante dos outros bancos estudados. Já a partir do ano de 2016 a empresa apresentou forte mudança, terminando em 2019 a frente de duas instituições nesse indicador.

Até o ano de 2016 verifica-se uma forte ineficiência operacional para a Caixa, sendo que seu lucro foi ocasionado basicamente de outras receitas. Dentre as outras receitas a de maior destaque vem da remuneração como agente do FGTS.

Para o ano de 2015, nota-se uma forte redução da rentabilidade da atividade bancária por todas as instituições, ocasionada pela forte retração econômica vivida a época, bem como aos problemas políticos em que o país se encontrava, já citados anteriormente. Nesse ano três das cinco instituições estudadas apresentaram rentabilidades negativas Banco do Brasil, Caixa e Santander.

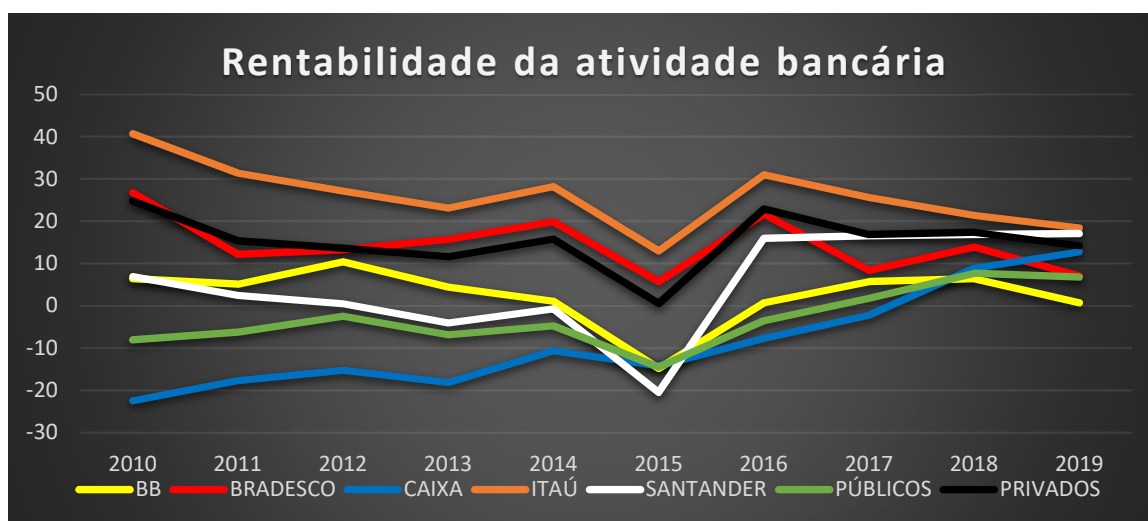
Tabela 10 - Rentabilidade da Atividade Bancária, no período de 2010 a 2019, expresso em percentual

RAB	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
BB	6,42	5,16	10,45	4,44	1,14	-14,84	0,71	5,74	6,43	0,76
BRADESCO	26,84	12,19	13,20	15,73	19,93	5,74	21,75	8,37	13,94	7,06
CAIXA	-22,49	-17,72	-15,29	-18,14	-10,61	-14,22	-7,72	-2,19	8,90	12,81
ITAÚ	40,75	31,44	27,19	23,14	28,23	13,01	31,04	25,65	21,42	18,44
SANTANDER	6,95	2,45	0,50	-4,02	-0,69	-20,47	15,96	16,54	16,84	17,07
MÉDIA PÚBLICOS	-8,04	-6,28	-2,42	-6,85	-4,74	-14,53	-3,51	1,78	7,67	6,79
MÉDIA PRIVADOS	24,85	15,36	13,63	11,62	15,82	-0,57	22,92	16,85	17,40	14,19

Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

Analisando o Gráfico 9 é possível verificar a forte queda em 2015, bem como sua retomada após esse ano. O grande destaque desse indicador fica para o banco Itaú, que apresenta maior estabilidade durante todo o período, sempre mantendo melhores índices, apesar de apresentar ligeira queda nos últimos anos da análise. Outro destaque é para o forte crescimento verificado pelo Santander pós 2015.

Gráfico 9. Rentabilidade da Atividade Bancária período de 2010 a 2019, expresso em percentual



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponíveis nos demonstrativos contábeis das empresas analisadas

A análise da tabela 10, complementada pela análise gráfica permite verificar mudança significativa nesse indicador ao longo do período analisado. No início da análise em 2010, os bancos apresentavam uma variação de 63,24% nesse item, quando comparados separadamente, sendo que essa diferença em 2019 ficou na casa de 17,68%. Se comparada na média essa diferença entre bancos públicos e privados sofreu redução drástica durante o período analisado, passando de 32,89% em 2010 para 7,4% em 2019, demonstrando uma melhora significativa nos bancos públicos a partir de 2016.

Diante da análise de todos os indicadores, também fica evidenciado a melhor eficiência operacional por parte dos bancos privados, tendo em vista que apresentam melhores indicadores na maioria dos índices analisados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstra claramente que o mercado bancário brasileiro é dominado por empresas de grande porte, que apresentam rentabilidades satisfatórias, tanto nos bancos privados, quanto nos bancos públicos. As empresas analisadas possuem grande importância para economia nacional, tendo em vista sua capilaridade e representatividade em todos os estados do país.

Quanto aos objetivos de demonstrar diferença de rentabilidade existente entre bancos públicos e privados e os fatores ocasionadores da diferença de rentabilidade, as respostas aos objetivos foram satisfatórias, caminhando parcialmente para as hipóteses levantadas e trazendo vários elementos de importância técnica e gerencial.

No tocante a rentabilidade e eficiência operacional, o trabalho apontou duas hipóteses: que os bancos privados são mais rentáveis que os bancos públicos e que apresentam melhor eficiência operacional. Ambas hipóteses foram parcialmente confirmadas conforme dados constantes no estudo, ficando também evidente que não existe uma diferença muito superior aos bancos privados, que possa comprometer a atuação dos bancos públicos.

Conquanto o ROE e ROA demonstram vantagem aos bancos privados ao final do período de análise, os bancos públicos apresentam rentabilidades melhores no início do período. Mesmo que o indicador ROE demonstre vantagem dos bancos privados ao final do percurso – uma vez que o ROE evidenciou redução da diferença de rentabilidade entre todas instituições analisadas ao final do período – permanece latente o desempenho positivo dos bancos públicos na fase inicial da série histórica.

Os dois indicadores também deixam evidentes que os bancos públicos, tendo em vista o controle governamental, são mais suscetíveis a questões políticas e econômicas, sofrendo maiores oscilações ao longo do período de análise. Nota-se redução significativa nos indicadores de rentabilidade nos anos anteriores, bem como no ano do impeachment presidencial, ocorrido em 2016, quando o país passou por vários problemas de cunho político, que afetaram diretamente a economia.

Após confirmada a primeira hipótese, o estudo através da metodologia proposta, demonstrou as possíveis causas dessa diferença de rentabilidade, sendo que o primeiro fator analisado, foi a geração de renda, onde foi observado novamente leve vantagem aos bancos privados. Tal vantagem até certo ponto já era esperada,

tendo em vista que os bancos públicos geralmente praticam taxas menores, conforme dados disponíveis no banco central.

Ao analisar as margens de rentabilidade, bruta, operacional e líquida o estudo demonstra novamente vantagens aos bancos privados, apesar da vantagem não ser observada em todo o período de análise.

O fator determinante para melhores margens observadas nos bancos privados, é a sua maior capacidade de geração de receita de serviços e uma melhor relação entre receitas de serviços em relação as despesas operacionais, afetando diretamente as margens líquidas e operacional, restando evidente uma melhor eficiência operacional por parte dos bancos privados, conforme ficou demonstrado no cálculo de eficiência operacional, conforme definições de Primo (2013).

Nesse sentido, para que os bancos públicos consigam elevar seus patamares de rentabilidade, devem elevar seu nível de prestação de serviços ou reduzir suas despesas operacionais, ou ambos. As soluções digitais podem ser o caminho para esses objetivos.

Concluindo a análise da segunda hipótese, através da análise do resultado da atividade bancária, fica evidente a vantagem por parte dos bancos privados, que durante todo o período apresentaram rentabilidades superiores. Nesse item o estudo demonstra que a Caixa Econômica destoou muito das demais instituições, apresentado rentabilidades negativas em oito dos dez períodos de análise. O Santander também apresentou rentabilidades negativas em alguns períodos.

Isso posto, resta evidente a vantagem dos bancos privados em relação aos bancos públicos no tocante a rentabilidade, em que pese o bom desempenho dos bancos públicos no início do período. Ao mesmo tempo que é possível concluir que apesar dessa nítida vantagem, os bancos públicos possuem capacidade de reação e são importantes para política econômica, sendo rentáveis para o governo e acionistas, no caso do Banco do Brasil.

Apesar de não trazer contribuições teóricas, o estudo apresenta grande contribuição prática e gerencial para os gestores das empresas analisadas, investidores, estudantes e analistas internos e externos interessados no mercado bancário nacional.

O estudo apresenta como limitações a análise de apenas cinco corporações, não refletindo as características de todo mercado bancário brasileiro e a competição originada pelos novos entrantes do mercado, as *fintechs*. Nesse sentido, é salutar que

os próximos estudos realizarem comparativos do impacto dessas novas empresas digitais nas rentabilidades grandes bancos brasileiros. Outra limitação do estudo é o foco na análise de indicadores, não abordando métodos estatísticos de análise.

Como a presente análise também demonstrou forte oscilação ao longo do período estudado, principalmente nos bancos públicos, é interessante que seja realizado um estudo dos impactos da pandemia do Covid-19 na rentabilidade bancária nos próximos anos, tendo em vista notória retração econômica, com consequências ainda imprevisíveis, bem como maior cautela na concessão de crédito, principalmente no segmento privado.

7. REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em www3.bcb.gov.br/ifdata/index.html
Acesso em 20 junho de 2020.

BITTENCOURT, Wanderson Rocha; BRESSAN, Valéria Gama Fully; GOULART, Clayton Peixoto; BRESSAN, Aureliano Angel; COSTA, Davi Rogerio de Moura; LAMOUNIER, Wagner Moura. Rentabilidade dos bancos múltiplos e cooperativas de crédito nos brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 21, 2017.

CARNEIRO, Murilo; SALGADO JÚNIOR, Alexandre Pereira; MARCORIS, Lucas Serrão. Avaliação da Eficiência Bancária por meio da Abordagem de Intermediação: Uma Análise Comparativas das Instituições Financeiras Brasileiras. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, ed. 85, p. 336-359, 2016.

DANTAS, José Alves; MEDEIROS, Otávio Riveiro de; PAULO, Edilson. Relação entre concentração e rentabilidade no setor bancário brasileiro. **Revista Contabilidade e Finanças**, São Paulo, v. 22, 2011.

DE PAIVA, João Carlos Neves; BARBOSA, Francisco Vidal; RIBEIRO, Helena Puga. Proposta de escala para mensurar o valor percebido no varejo bancário brasileiro. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 13 nº 2, 2009.

DIEESE. **Desempenho dos bancos no primeiro semestre de 2017**. São Paulo, 2017, disponível em dieese.org.br/desempenhodosbancos/2017/desempenhoDosBancos1Semestre2017.html

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2010.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária**. 9º Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MANTOVANI, Marli Helena Colangelo. Análise da relação entre alavancagem e rentabilidade dos bancos brasileiros listados na bolsa de valores de São Paulo no período de 2001 a 2010. **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 22, nº 4, p. 509-524, 2015.

MATIAS, Alberto Borges. **Insucesso de Grandes Bancos Privados de Varejo**. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo, 1999.

MATIAS, Alberto Borges; QUAGUIO, Gislaine de Miranda; LIMA, João Paulo Resende de; MAGNANI, Vinícius Medeiros. Bancos versus cooperativas de crédito. Um estudo dos índices de eficiência e receita da prestação de serviços entre 2002 e 2012. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, nº 5, p. 195-223, 2014.

MATIAS, Alberto Borges *et al.* Rentabilidade no setor bancário: Uma análise comparativa entre bancos Brasileiros de Norte Americanos. **Revista Globalização, competitividade e governabilidade**, v. 8, nº 2, p. 70-86, 2014.

MENDONÇA, Douglas José; SOUZA, Julia Alves e; CARVALHO, Eduardo Gomes; CARVALHO, Francisco de Melo. Fatores que Influenciam a Rentabilidade das Instituições Financeiras Bancárias Brasileiras. **Reunir**, v. 8, nº 1, p. 107-123, 2018.

PRIMO, Uverlan Rodrigues *et al.* Determinantes da Rentabilidade Bancária no Brasil. **Revista Base da Unisinos**, v. 10, nº 4, p. 308-323, 2013.

ZILBER, Silvia Novaes; PAJARES, Fernando M. Roncal. Análise da vantagem competitiva de bancos em países emergentes e em países desenvolvidos utilizando o modelo de visão baseada em recursos: estudo comparativo Brasil x Estados Unidos. **Revista Economia Global e Gestão**, v. 14, nº 2, p. 95-117, 2009.